



PRODUÇÃO DE TEXTOS: A IMPORTÂNCIA DOS "SILÊNCIOS" NA ESCRITA

Vânia Carmem Lima¹
Stéfany Rodrigues Sousa²

¹ Universidade Federal de Goiás - Regional Jataí/ E-mail: vaniacarmem@yahoo.com.br

² Universidade Federal de Goiás - Regional Jataí/ E-mail: stefanyrsrs@gmail.com

Resumo:

Este estudo objetivou analisar 14 textos dissertativos produzidos por discentes de uma turma de “Redação”, do Centro de Línguas da UFG – Regional Jataí, verificando o que eles decidem explicitar e implicar. Todo texto conta com a participação ativa do interlocutor, a quem cabe preencher os espaços "vazios". Por isso, fazem-se necessários os implícitos como suportes do dizer e como fatores de coerência textual. Entretanto, em muitos textos analisados, verificou-se a supremacia do discurso explicitado em detrimento da sua incompletude, o que levou a uma leitura desinteressante e a uma atitude “não-responsiva” dos leitores. Algumas razões para tanto podem ser o domínio insuficiente dos recursos textuais e discursivos e o não reconhecimento da produção textual como prática efetiva de linguagem. Assim, é necessário demonstrar aos alunos a importância de tais recursos linguísticos a fim de que os discentes busquem aprimorar essa habilidade e desenvolvam produções de forma autocrítica e consciente.

Palavras-chave: Produção textual. Recursos linguísticos. Implícitos.

Introdução

Conforme afirma Antunes (2009), toda produção escrita se caracteriza como objeto incompleto, constituído de espaços vazios, uma vez que o seu fim principal é a comunicação e interação com o outro, ou seja, a troca entre as partes envolvidas nesse processo: leitor e autor. E, justamente por isso, o texto necessita, na sua efetivação, da ativa participação do interlocutor, a quem cabe preencher tais espaços vazios por meio do conhecimento pessoal, compartilhado e presumido a partir dos índices textuais e do contexto de interação, pois, como afirma Antunes (2009, p. 113), “a incompletude do texto representa uma condição de sua coerência”.

Nesse sentido, haverão de ter lugar fundamental na trama linguístico-discursiva os implícitos (pressuposto, subentendido, inferência, implicação) como suportes do dizer e como fatores de coerência textual.

A pressuposição, conforme explicita Antunes (2009, p.118) é "um conjunto implícito de dados, anteriores à real efetivação do ato comunicativo." Vale ressaltar que esses dados constituem elementos linguísticos, ou seja, elementos da língua enquanto idioma. De modo semelhante se dá a implicação. Enquanto na pressuposição os elementos linguísticos estão

postos *a priori* no ato comunicativo, na implicação “a verdade de um afirmação depende, necessariamente, da verdade da outra” (Antunes, 2009, p. 118).

O subentendido ou inferência, por sua vez, diz respeito a fatores contextuais, situados fora do texto escrito, mas ainda sim, dependente de fatores linguísticos. O "termo inferência é comumente reservado para informações implícitas que são identificadas com o apoio de nosso conhecimento de mundo, informações que se relacionam, portanto, com o saber partilhado pelos interlocutores", ou seja, é uma dedução (Antunes, 2009, p. 118).

Todos esses elementos são a base do silêncio fundador que, segundo Orlandi (2012), é aquele que existe nas palavras, que dá espaço de recuo significativo e é, pois, a garantia do movimento de sentido. É necessário a falta e a incompletude para a interação com o texto pois "o silêncio é a própria condição da produção de sentido. Assim, ele aparece como espaço 'diferencial' da significação: 'lugar' que permite à linguagem significar." (Orlandi, 2012, p.68)

Levando tais aspectos essenciais em consideração, o presente trabalho teve por objetivo analisar os textos produzidos por alunos de uma turma de “Redação”, preparatória para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) do Centro de Línguas da UFG – Regional Jataí, no ano de 2016, com foco em textos do gênero discursivo - argumentativo, verificando o modo como o aluno/autor mobiliza os recursos linguísticos para desenvolver, de forma escrita, o tema proposto. Ou seja, o intuito foi tentar compreender o que ele decide tornar explícito e o que deixa na implicitude da tessitura textual.

Metodologia

Para o alcance dos objetivos do trabalho, foram necessárias três etapas interligadas, realizadas durante o trabalho de Redação.

A primeira consistiu em apresentar aos alunos o tema para a produção textual posterior - Legalização ou não do porte e posse de armas de fogo no Brasil. A partir da leitura da coletânea, os alunos se inteiraram acerca da temática identificando os argumentos contrários e favoráveis e definindo, assim, seu posicionamento, o que é fundamental para a tipologia exigida.

Na segunda fase, os discentes elaboraram, sem a intervenção do professor - uma vez que se tratava de uma atividade avaliativa - um texto dissertativo-argumentativo defendendo sua perspectiva acerca do tema.

Ao fim, procedeu-se a leitura e análise dos textos, observando como o autor tomou a palavra e assumiu o seu dizer na mobilização ou não dos implícitos (pressupostos,

subtendidos, elipses, inferências) e os efeitos causados por essas “escolhas” ou por essas ausências.

Resultados e Discussões

Ao analisarmos algumas produções textuais dos alunos verificou-se, em grande parte delas, a supremacia do discurso explicitado em detrimento daquilo próprio das línguas naturais - a sua incompletude. Dessa maneira, o muito “cheio” do tecido textual concorreu para uma leitura enfadonha, desinteressante, e até mesmo para uma atitude “não-responsiva” por parte dos agentes da interação (BAKHTIN, 1995), prejudicando o próprio processo interativo.

O que chamamos aqui de muito "cheio" é uma expressão utilizada por Orlandi (2002) e se refere à desconsideração do conteúdo extra linguístico, quando o autor lança mão de tautologias, o que resulta em uma produção com limitado grau de informatividade e atratividade.

Em vista disso, podem ser levantadas algumas razões para explicar tal situação. Uma delas pode consistir na necessidade de preencher todo o espaço em branco do papel, ou encarar o "muito escrever" como sinônimo de um bom texto.

Outra razão pode ser o insuficiente domínio dos recursos textuais e discursivos, o qual leva os alunos a repetirem o dito anterior ou mesmo explicar detalhadamente esse ou aquele ponto de vista, fato ou opinião. Tais atitudes desqualificam a produção e o próprio poder expressivo do aluno, pois ignoram o texto enquanto unidade interativa, cujos sentidos fazem-se na ação colaborativa do leitor.

Por fim, o não reconhecimento da produção de texto como prática efetiva de linguagem, mas como um dever, uma tarefa a ser realizada e acabada na sala de aula, sem ter claro para quem se escreve, como parte das condições de produção (GERALDI, 1999), pode ser outro fator que explica o exagero dos "cheios" no texto e a pouca exploração dos implícitos e não ditos como elementos constitutivos do texto, instauradores dos movimentos deslizantes de sentidos constituídos de implícitos e não ditos que, no texto, fazem com que outros sentidos possam ser construídos, não sendo, portanto, fixos e únicos. (ORLANDI, 2001).

Considerações Finais

Em vista do exposto e considerando a prática de produção de textos, na perspectiva aqui abordada, ainda pouco efetiva, pode-se explicar a grande dificuldade dos alunos em explorar os implícitos, pressupostos e elipses em seus textos, devido ao fato de não conhecê-los, não dominá-los e, sobretudo, por não reconhecer o outro, interlocutor, como seu parceiro ativo na realização do evento comunicativo. Conforme apregoa Eco (1985), a atividade colaborativa do leitor faz ver no texto aquilo que o texto não diz, embora prometa, preenchendo os espaços vazios e relacionando o dito com o não dito.

Daí a necessidade de demonstrar aos alunos a importância de tais recursos linguísticos a fim de que os discentes busquem sempre aprimorar essa habilidade e desenvolvam produções de forma autocrítica e consciente, percebendo, assim, a incompletude da linguagem, pois, conforme Orlandi (2002), o dizer precisa da falta para o movimento dos sentidos.

Referências

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia de linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.

ECO, U. **Obra aberta**. Espanha: Planeta de Agostini, 1985.

GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula**: leitura e produção. 3 ed. São Paulo: Ática, 1999.

ORLANDI, E. **Discurso e texto**: formação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. **P. As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 5 ed., Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.